

Emigrante, activista social, professora e antiga jornalista da RAI-1

“Lou” de Jesus vive entre Itália e Cabo Verde

Quando “Lou” chegou à “Cidade Eterna”, aliás, Roma, quase que inexistiam comunidades de origem africana. As existentes eram oriundas da Somália, Etiópia e Eritreia, reconhecidas como refugiados.

Por via disso, “Lou” e as restantes patrícias frequentava, o Movimento Tra-noi, ponto de encontro nos dois dias livres da semana: quinta-feira e domingo.

“Cada uma vivia no seio da comunidade, que protegia os próprios elementos e como forma de defesa exterior, exercitava um forte controlo social sobre o comportamento de cada uma”, conta, realçando que, na altura, “excepto em alguns casos, não sofremos o racismo e nem sequer tínhamos a noção do que era o racismo e como se manifestava”.

As comunidades presentes (constituídas na maioria por mulheres) na Itália, eram tão silenciosas nos anos 70, que “foram definidas como mulheres invisíveis”.

E lembra: “Era essa a visão que a sociedade italiana dos anos 70 tinha em relação aos imigrantes. Ninguém incomodava ninguém. A sociedade italiana estava muito ocupada nesse período de luta pelos direitos sociais, como divórcio, interrupção voluntária de gravidez, direito sindical, paridade de género. Essa luta tornou-se também a nossa. Luta por uma sociedade de direitos, aberta, mais democrática e mais civil”, recorda, remarcando que, “anos depois, através das associações cabo-verdianas, uma parte da nossa comunidade encontrava-se nas reuniões e nas manifestações, com a mesma categoria de pessoas a reivindicar os direitos, a favor dos imigrantes”.

Itália de hoje

A situação começou a mudar no fim dos anos 80, com episódios de intolerância e racismo, no



Maria de Lourdes Jesus “Lou”

DIÁSPORA

Foi rosto de um dos programas mais badalados, populares e bem conhecidos da RAI-1 (Radiotelevisão Italiana): “Nonsoloneo” (Não só preto). À semelhança de várias outras “meninhas” de São Nicolau, Maria de Lourdes Jesus – “Lou” para os mais chegados - cedo deixou a sua “Ilha de Chiquinho”, escalando Lisboa (Portugal), antes de aportar Roma (na Itália), nos anos 70 do século passado. Presentemente, reparte os dias do ano entre Itália e Cabo Verde, onde gostaria de passar a maior do tempo da sua reforma.

Alexandre Semedo

começo dos anos 90.

“Os imigrantes começaram a aumentar-se em número, a organizarem em associações, a reivindicarem os direitos sindicais, a tomarem posição política, a participarem nas manifestações, a exigirem um tratamento de paridade com os trabalhadores italianos e a cidadania, a organizarem encontros nas escolas, a publicarem livros e a exigirem espaço mediático”, conta “Lou”, acrescentando que os imigrantes - e a comunidade cabo-verdiana, em parti-

cular -, aproveitaram-se da nova Lei da Imigração (“Legge Martelli - 1989”), para fazerem a reunificação familiar.

A percepção desse extraordinário fenómeno social provocou na sociedade italiana reacções várias: a maioria concorda e luta com os imigrantes para uma política de integração como única alternativa possível para combater a xenofobia e o racismo, em fase crescente na Itália e na Europa, mercê dos partidos de direita e de extrema direita, que instrumen-

talizam o fenómeno migratório, classificando os imigrantes como responsáveis pela crise que o País está atravessando.

Discrição

Quando “Lou” chega a Roma, já havia um grupo significativo de cabo-verdianas, sobretudo de São Nicolau, que era a “tábua de salvação” para os recém-chegados.

No caso de apoio material, a comunidade resolve o problema (ainda hoje), de forma muito intelligen-

te e é capaz de ser muito discreta para não desagradar a pessoa.

“Os cabo-verdianos sempre souberam desenrascar-se, seja a nível individual, quer a nível comunitário, de forma extraordinária”, remarca “Lou”, frisando que constituiu uma rede resistente de relações, que soube transmitir informações, e, indiretamente, preparou os seus elementos a uma futura inserção na sociedade italiana.

Porém, na avaliação da antiga jornalista da RAI-1, o nível da inserção depende, também, da força e da consciência que se tem da identidade cultural.

“A primeira geração tem essa consciência e goza de todas as condições para uma inserção desejada e merecida na sociedade italiana. Mas o obstáculo principal é que vivemos num País com um Governo instável, sem uma política séria, que facilite uma inserção digna aos imigrantes e que a nossa comunidade reivindica há anos, através das associações e, agora, através dos filhos dos cabo-verdianos”, avalia.

Bolsa “Willy Monteiro”

Recentemente, a comunidade cabo-verdiana na Itália foi abalada pelo brutal assassinato do jovem Wilson Duarte Monteiro, de ascendência são-nicolauense.

Depois desse “bárbaro assassinato”, a Direcção da Associação Tabankaonlus decidiu atribuir à Bolsa de Estudo – que já existia -, o nome de Willy, para honrar a sua memória.

Criada em Julho de 2004, Tabankaonlus é formada por amigos cabo-verdianos - da primeira e segunda gerações -, que vivem há muitos anos na Itália, assim como, de amigos e profissionais italianos, que “amam as ilhas de Cabo Verde”.

A colectividade pretende contribuir para o desenvolvimento integrado das ilhas e para a difu-